

Fragments de uma narrativa

Adriane Elisa Dombrowski⁴⁵⁹

RESUMO

Este artigo apresenta as ideias de uma dissertação⁴⁶⁰ que buscou, por meio de narrativas de professoras dos Anos Iniciais da Educação Básica, do município de União da Vitória - Paraná – constituir fontes sobre o Programa de Formação Continuada Pró-Letramento em Matemática, nas quais expressam as contribuições deste Programa para a sua prática pedagógica. O curso ocorreu, em sua primeira versão no Estado do Paraná, nos anos de 2009 e 2010. Também foram entrevistados: o primeiro coordenador do curso, o qual comenta as narrativas das professoras colaboradoras à pesquisa e situa em contexto mais amplo esta política de formação; e o coordenador do GHOEM a propósito de textos de sua autoria que fundamentam as práticas de História Oral. Constatou-se que o curso teve influências positivas tanto para a formação como para a prática pedagógica das professoras.

Introdução

Neste artigo procura-se evidenciar partes da narrativa de uma das professoras entrevistadas na referida pesquisa, apresentando a *sua* versão da história.

Para a constituição das fontes propôs-se o uso da História Oral como fundamento metodológico.

Atualmente a formação de professores tem sido foco de várias pesquisas e de políticas públicas.

Segundo Nóvoa

Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das *aprendizagens*, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da *diversidade* e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das *novas tecnologias*. (NÓVOA, 2009, p. 14)

⁴⁵⁹ Docente da Escola Básica. dombrowski.adri@hotmail.com

⁴⁶⁰ Pesquisa de Mestrado sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), Linha de Pesquisa Educação Matemática e Interdisciplinaridade, do Setor de Ciências Exatas da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Cada vez mais se exige dos professores uma formação de qualidade, inicial e em serviço, para melhores resultados no processo de ensino e de aprendizagem. Não basta as escolas terem o melhor currículo, os melhores materiais didáticos, se os professores não forem qualificados e comprometidos com a docência. Para Nóbrega (2009) a ênfase deve centrar-se na aprendizagem dos alunos e no professor como participante de seu processo formativo com seus pares mais experientes, no chão da escola. Uma forma defendida por este autor são as comunidades de prática.

Ao falar sobre cursos de formação continuada pode-se afirmar que estes apresentam contribuições para os professores que deles participam, mas não se pode saber em que medida elas ocorrem. Pois a formação de professores é um meio fluido, em constante transformação influenciada por diversos fatores como a experiência profissional de cada um, as leituras, a formação profissional.

O Programa de Formação

O Pró-Letramento em Matemática é um programa de formação continuada cujo objetivo é o de melhoria da leitura, escrita e matemática nos Anos Iniciais da Educação Básica. Subdivide-se em Matemática e Alfabetização e Linguagem. O material utilizado no curso foi escrito pelas Universidades que compõem a Rede Nacional de Formação Continuada. A Universidade responsável por coordenar o Pró-Letramento em Matemática, em sua primeira versão no Estado do Paraná, foi a UNESP e na fase de revezamento, a UFRJ.

Percursos metodológicos

Para constituir as fontes, utilizou-se a metodologia da História Oral, em sua vertente temática em que as professoras colaboradoras concederam duas entrevistas. A primeira com a utilização de palavras-chave e a segunda entrevista semiestruturada. Depois das textualizações das entrevistas, estas foram organizadas por critérios temáticos.

Entende-se a História Oral, neste artigo, como uma de metodologia em que os colaboradores constituem *versões* possíveis de uma história.

Para Garnica

Trata-se de entender a História Oral na perspectiva de, face à impossibilidade de constituir “A” história, (re)constituir algumas de suas várias versões, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais, nesse processo, as memórias desses atores - via de regra negligenciados -, sem desprestigar, no entanto, os dados “oficiais”, sem negar a importância de fontes primárias, de arquivos, de monumentos, dos tantos registros possíveis. Não havendo uma história “verdadeira”, trata-se de procurar pelas verdades das histórias, (re)constituindo-as como versões, analisando como se impõem os regimes de verdade que cada uma dessas versões cria e faz valer. Historiadores orais são, portanto, criadores de registros; constroem, com o auxílio de seus depoentes-colaboradores, documentos que são [...] “enunciação em perspectiva”. Documento cuja função é preservar a voz do depoente - muitas vezes alternativa e dissonante -, que o constitui como sujeito e que nos permite (re)traçar um cenário, um entrecruzamento do quem, do onde, do quando e do porquê. (GARNICA, 2006, p. 89)

Não se trata de desprezar as outras fontes, mas de evidenciar as potencialidades das narrativas para a compreensão deste programa de formação oferecendo informações de qualidade à natureza desta pesquisa. Uma fotografia, uma entrevista, um documento escrito, todos têm a sua História, trazem uma versão de um fato, de um acontecimento, de acordo com o olhar que se teve, portanto todos têm o seu valor enquanto registro histórico. De acordo com Garnica (2013, p. 52) “... as narrativas orais, registradas em momentos de entrevista, são as matérias primas por excelência de todo um processo hermenêutico que, entretanto, não dispensa narrativas outras, como, por exemplo, as escritas”.

Corroborando com esta ideia Meihy afirma que

Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. Convém lembrar que por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, todas às vezes reditas carregam diferenças significativas. (MEIHY, 2002, p. 50)

O caráter subjetivo atribuído às narrativas não deve ser ignorado, este torna a História Oral singularmente preciosa tornando-a de uma idiossincrasia única. Pois durante muito tempo a História esteve vinculada somente aos grandes heróis, aos grandes feitos, e desprezou-se a História das pessoas comuns.

A intencionalidade em criar fontes e as regulações próprias da História Oral a diferenciam de outras metodologias de pesquisa.

Fragments da narrativa da Professora Neusa

Neusa é formada no Magistério, fez faculdade de Letras e Especialização em Pré-Escola e Séries Iniciais. No ano em que concedeu a entrevista estava atuando como Diretora de um Centro de Educação Infantil. Atualmente é supervisora de uma escola municipal em União da Vitória, Paraná. As entrevistas ocorreram em sua residência.

Questionada a respeito da matemática Neusa expõe que “*Atualmente, os professores têm uma preocupação maior em levar para sala de aula jogos, materiais concretos, para que a criança entenda, e a aprendizagem seja mais significativa. No passado era mais a parte mecânica que era trabalhada, as aulas eram bem tradicionais, “arme e efetue”, memorizar a tabuada, problemas padrão, que pareciam muito distantes do cotidiano. [...]. Hoje em dia já se tem essa preocupação de trazer mais para o cotidiano da criança, tanto situações de sala de aula quanto da vivência da criança em casa*”.

Se prestar mais atenção nas escolas, a grande dificuldade está em Matemática. Se perguntar a matéria de que os alunos mais gostam, dificilmente vão dizer que é da Matemática. São poucos os que se entrosam mais com ela, mas penso que tem muito a ver com a prática pedagógica, a questão do professor não tornar a Matemática mais envolvente na sala de aula, de não trazer situações de uso diário, [...]. Então essa é uma questão que tem que trabalhar mais, na atualização dos professores, na prática pedagógica. A partir do momento em que o professor souber trabalhar melhor essa disciplina vai sentir que os alunos vão se interessar mais, vão gostar mais e, a partir daí, diminuem as dificuldades.

Sobre os números Naturais Neusa comenta que

“*[...] precisa-se aproveitar o que a criança tem ali: contar as carteiras, contar os materiais, ir trabalhando e introduzindo, a partir disso, para a criança sentir que ela já tem um conhecimento [matemático] e não trazer os números como conteúdo muito distante. O livro do Pró-letramento traz muitas sugestões de como trabalhar, [...]*

Comecei a usar mais a reta numérica, depois do Pró-Letramento, por causa das atividades sugeridas pelo livro. Aplicando [esse recurso], percebe-se a facilidade para a criança. Utilizei a reta numérica, porque percebi que os meus alunos gostaram de trabalhar com ela na atividade da Bota de Muitas Léguas. Então aproveitei para usar em outros momentos e pude notar que a visualização na reta facilita a compreensão pela criança. Trabalhei bastante com a reta, também, para a localização das frações e números decimais".

A propósito das 4 operações Neusa explicita que

"Por exemplo, na divisão, existe o processo por estimativas, que é o algoritmo americano, que eu trabalhei também com os meus alunos e é uma maneira diferente de se trabalhar a divisão, em que a criança vai tentar aproximar o resultado, fazendo um cálculo mental, quando aprender o outro processo que a gente usa. Meus alunos entenderam melhor a divisão, quando começaram com esse tipo de processo por subtrações, até porque há várias maneiras de chegar ao mesmo resultado. Não existe um único jeito, como no outro processo que tem que ser aquele número primeiro e tal. Ali, não, ela pode começar ou retirando de um em um, o que for mais fácil. A criança que já tem um raciocínio lógico mais apurado, já vai tentar um número bem maior. Os outros, que têm mais dificuldade no cálculo mental, vão de pouquinho em pouquinho. Às vezes, a conta fica enorme, mas ele percebe, que se não tiver nenhum erro ali no caminho, chegará ao mesmo resultado que o aluno que fez uma conta bem menor. Os pais normalmente não aceitam bem, porque não entendem como é esse processo. Então eles pensam que tem que ser aquele tradicional, o processo que eles aprenderam. Tanto é que, às vezes, os pais vêm pedir explicações de como que trabalha, para poder ajudar o filho em casa. No entanto, a criança quando aprende por esse processo, quer continuar nele, que é mais fácil. O outro é mais difícil. Até pela questão, por exemplo, quando do resultado dá cento e três, a questão do zero. Não há esses passos que há na outra, na verdade, pelo menos, quando comecei a lecionar, os livros didáticos tinham os passos para ensinar todas as operações. Ensinar adição, ensinar subtração, divisão, multiplicação e até aprendemos no Pró-Letramento que, nem na adição é necessário armar o algoritmo, para ensinar doze mais três. Trabalha-se o cálculo mental, porque, senão, a criança não entende a questão, ela acha que não tem a necessidade de entender porque tem que começar pela unidade e, não, pela dezena, porque o resultado

vai dar igual, independente de começar pela dezena, pela direita ou pela esquerda. Então, no Pró-Letramento, aprendemos que essa questão dos passos, às vezes, atrapalha, em vez de ajudar. O algoritmo da subtração foi trabalhado quando há a necessidade da troca, sem que precise a questão de que se fale muito com a criança a questão de “emprestar”. E também, no Pró-Letramento, aprendemos a importância de se usar os termos corretos com a criança, o minuendo, o subtraendo. Não que ela precise memorizar, mas na hora de se explicar, já se estará ensinando a maneira correta. Até mesmo na questão das situações-problemas, a criança tem dificuldade, às vezes, era até uma coisa bem simples e a criança não resolveu porque não conhecia os termos”.

Ainda Neusa complementa que

“O livro também traz umas atividades bem interessantes para se trabalhar com as crianças, usando o flanelógrafo. Havia uma [atividade] com os patinhos, no caso, de acrescentar. Vai um aluno, coloca lá cinco patinhos. Ela está prestando mais atenção e visualizando, então, há várias atividades bem interessantes. Trabalhar com o Material Dourado, é bem importante para a criança, para ser uma aprendizagem mais significativa, não ficar só no mecânico das operações, como arme e efetue, que ainda sabemos que é muito usado e poderia ser feito um trabalho com mais situações-problema. Dá para se usar bastantes jogos, também. A criança pode manipular o Material Dourado e outros materiais, e ir construindo o conhecimento, construindo a ideia do que seria aquela operação. Os jogos também são bem importantes, já trabalhava bastante eles, apliquei-os mais ainda, durante o Pró-Letramento. Ele traz muitas sugestões de jogos e, com certeza, para a criança é uma festa na sala, quando se leva um jogo. É uma aula diferente, que eles vão aproveitar mais, vão, com certeza, aprender mais”.

Em relação à socialização das atividades durante o curso Neusa afirma que

“No Pró-letramento houve bastante troca de experiências. Na hora de apresentar as nossas atividades, havia muito diálogo e a gente aprendia também, levando para a nossa prática pedagógica várias sugestões dos colegas. É importante ainda a troca de experiências na sala de aula, entre as crianças, porque, às vezes, a forma como se está passando [o conteúdo] ela não está entendendo e, se pedir a um coleguinha ajudá-la, aquele que terminou vai ajudar o que não conseguiu e ele consegue [explicar], às

vezes, melhor que o professor, devido à linguagem da criança e à empatia com que trabalham”.

Sobre o uso da calculadora

“Já trabalhei também com a calculadora, e é bem importante, embora não seja muito usada nas escolas [básicas]. A criança gosta [dessa prática], e se torna uma aula diferente. Às vezes, elas veem a calculadora e dizem “oba, hoje é a calculadora!”, e que não será preciso pensar tanto, mas ela será usada para o aluno pensar mais do que sem ela. Vai ter que descobrir todo o processo, para fazer o cálculo. Então ele vai ter que pensar primeiro o que vai ter que teclar na calculadora, para chegar ao resultado. Não se vai dar [exercício de] “arme e efetue”, usando a calculadora. Serão dadas situações para ele pensar. Pode-se até ensinar a usar a memória da calculadora, e tantas outras coisas, até porque é no dia a dia que ela é usada. Aí vai-se ter a situação, vai-se ter que pensar que cálculo que se vai ter de fazer. É uma atividade que eles gostam bastante e que faz parte do dia a dia deles, porque a criança, geralmente tem uma calculadora em casa. É a questão da Matemática, que, na verdade, a gente a usa o tempo todo. Todas as situações praticamente envolvem a Matemática e, de repente, a escola distancia tanto essa realidade da criança, que ela começa a achar que a Matemática é uma coisa de que ela não gosta, que não é importante, mas que está presente em tudo, praticamente, da receita de bolo, da hora de acordar, de tantas coisas que são parte do cotidiano dela. E daí a gente pode e deve levar isso para a sala de aula, porque quando se vai trabalhar fração, por que não trabalhar uma receita? Fazer uma receita com a criança. [Trabalhar de forma concreta] medidas, fração, o que for, para se tornar uma aprendizagem mais prazerosa e significativa. Levar o material concreto para a sala de aula, de forma lúdica. Tudo isso é bem importante para mudar essa visão da Matemática como uma matéria difícil e que por isso poucos gostam”.

A respeito do erro da criança Neusa faz alguns apontamentos

“Eram trazidas muitas atividades, assim, em que o aluno tal errou, resolveu dessa maneira, para refletirmos, por que ele errou ou o que aconteceu ali que ele errou. Como podíamos fazer a mediação, para ele conseguir resolver da forma correta. Eram todas situações que, na verdade, nós professores, enfrentávamos na sala de aula, envolviam coisas que acontecem no dia a dia do professor. A importância de se usar o

erro para a construção do conhecimento do aluno, evitando que o professor passe o exercício e corrija como certo ou errado, para o aluno, que não vai entender porque errou. E o professor não se preocupa em prestar atenção no que ele errou ali, e em que ele pode ajudar para o aluno construir o conhecimento. O que está faltando para ele acertar, o que ele não entendeu direito. Que conceito ele vai ter que trabalhar melhor para essa criança conseguir construir o conhecimento e chegar à forma correta. Porque até a prática pedagógica do professor não é só marcar certo ou errado. É levar o aluno a acertar, a construir o conhecimento. Se o erro for ressaltado, a criança vai-se frustrando, e nunca consegue acertar, em vez de se motivar a tentar de novo com o apoio do professor e dos colegas. Ele vai se retraindo e criando uma antipatia pela Matemática por não conseguir acertar. Fica com a certeza de que ele não é capaz. Por isso é importante tentar ajudá-lo a perceber onde ele errou, e como podemos ajudá-lo a superar a dificuldade”.

Sobre o Fascículo de Frações Neusa argumenta que

“Outro tema difícil são as frações, que muito professor não gosta de lecionar, devido às dificuldades. Mas é difícil de ensinar quando o professor só quer explicar, sem fazer a criança construir a ideia de fração. A criança tem que ter essa noção, e é possível com o material manipulável, manipular o que é para entender. A partir do momento em que ele entende o que é uma fração, vai-se tornar mais fácil, também, a aprendizagem. Vai-se tornar mais fácil tanto para o professor explicar com o material, para que a criança esteja visualizando, esteja pegando, manipulando, quanto para o aluno entender o que é.

Pelos relatos dos professores, a maior dificuldade é o trabalho com as frações. Até o fascículo que trabalhou as frações, trabalhou mais a questão da concepção do professor do que as questões a serem trabalhadas com as crianças. A preocupação era trabalhar mais a concepção, formar as noções para o professor, para que ele desenvolvesse a sua prática em sala de aula reduzindo as dificuldades de ensino”.

Sobre o curso do Pró-Letramento Neusa comenta que

“O curso foi positivo devido à troca de experiências, e os jogos, ao aspecto lúdico da Matemática, para ser trabalhada na sala de aula, a questão de o professor perceber a importância de ter umas aulas mais envolventes para as crianças, porque ali, nos Anos Iniciais, é que a criança vai desenvolver o gosto, ou não, pela Matemática. Se for

bem trabalhado, vai servir de base para o resto da vida escolar dessa criança. Ela vai gostar de Matemática, sentir que consegue, que não é um “bicho-de-sete-cabeças”. Todo esse envolvimento vai refletir no futuro escolar do aluno, até no nível superior. Então, é bem importante o Pró-Letramento, serviu até para o professor perceber melhor o seu papel de mediador do conhecimento”.

“O curso só veio a acrescentar, abrir janelas. A partir do momento em que se vai fazer um curso e que se está com vontade de aprender para poder levar para os alunos, para facilitar a aprendizagem, todos saem ganhando. O professor sai ganhando, e o aluno sai ganhando mais ainda.

O curso superou as expectativas de quem participou e, com certeza, contribuiu para a prática pedagógica de todos que o frequentaram. [Ajudou] a gente a trabalhar de uma maneira diferente com a Matemática em sala de aula, [trabalhar] com os conceitos. Achei que melhorou bastante. Você sai com uma outra visão do ensino de Matemática, do ensino e da aprendizagem”.

Considerações

Buscou-se demonstrar através de narrativas as contribuições do programa de Formação Continuada Pró-Letramento em Matemática para a formação e prática pedagógica das professoras colaboradoras.

Um propósito que não se concretizou foi o de após o término do curso, os professores continuarem a se reunir formando grupos de estudos. Atingiu-se o objetivo da formação, da reflexão sobre a prática, da incorporação de atividades que deram certo nos planejamentos dos professores com as devidas adaptações de acordo com o nível e faixa etária das turmas.

O uso da História Oral trouxe novos elementos da formação de professores que provavelmente não apareceriam em documentos oficiais.

Espera-se que este estudo contribua para outras pesquisas nesta área.

Referências

DOMBROWSKI, A. E. **Pró-Letramento, prática pedagógica nas aulas de Matemática:** relatos de professoras de União da Vitória. 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: ARAÚJO, Jussara de Loiola; BORBA, Marcelo de Carvalho (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em educação matemática.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

_____. Cartografias Contemporâneas: mapa e mapeamento como metáforas para a pesquisa sobre a formação de professores de Matemática. **Alexandria**, v.6, n.1, p. 35-60. Florianópolis: abril, 2013. Disponível em: <<http://alexandria.ppgect.ufsc.br/files/2013/04/Antonio.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2013.

MEIHY, J. C.S. B. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2002.

NÓVOA, A. **Professores:** imagens do futuro presente. EDUCA: Lisboa, 2009.